

A GRANDE CRISE NO TEMPO DE ELEIÇÕES

por Mário Soares

1. A crise financeira e económica que atravessa a América, com falências quase todos os dias de bancos, seguradoras e outras empresas, está a alastrar à Europa e a causar algum pânico. É natural. Apesar do plano de emergência, apresentado ao Congresso pelo Presidente Bush, sem nenhuma auto-crítica, como se não tivesse qualquer responsabilidade no que está a acontecer, ter travado um tanto a especulação bolsista e o pânico que ameaçava generalizar-se.

E, no entanto, já depois de se estar a discutir o plano, verificou-se outra falência de mais um gigante americano, o Washington Mutual. E na Europa, o banco belga Fortis, que detém 51% das operações de seguros do B.C.P., segundo informou o jornal "Público", também entrou em grandes dificuldades.

Entretanto, a campanha eleitoral nos Estados Unidos continua - apesar do senador McCain a ter querido interromper, com o pretexto, pouco verosímil, de ficar em Washington para seguir mais de perto a crise. Quis adiar também o debate - e percebe-se porquê - mas recuou, visto ter compreendido que tal posição seria fatal para a sua imagem.

Realizou-se, finalmente, o primeiro dos três grandes debates, com o tema da política externa, que era supostamente favorável a McCain, mas que Barack Obama ganhou, segundo uma sondagem feita pela CNN, sobre o acontecimento. Por mim, não tenho dúvidas, fazendo uma avaliação que me esforço por ser objectiva. Obama esteve sempre ao ataque, acusando McCain de ter apoiado, desde o início, a decisão de Bush de invadir o Iraque e tudo o que se lhe seguiu, até hoje. McCain tentou defender-se, procurando distanciar-se de Bush, afirmando que não estava de acordo com ele, por exemplo, quanto a Guantânamo - e em outras ocasiões, que enumerou - mas logo a seguir disse estar convencido de que "os americanos estão a ganhar a guerra do Iraque" (sic) no que só talvez 20% dos americanos, se tanto, o acompanhem e nenhum europeu, latino americano, asiático, africano ou árabe...

Enfim, o debate foi correcto, cordial e educado, de parte a parte. Mas não foi apaixonante. Esperemos pelos próximos. Mas serviu, seguramente, para Obama consolidar os pontos que leva de vantagem, sobre o seu rival. O que é importante.

Entretanto, o Congresso aprovou, embora com forte contestação republicana, o plano de emergência proposto por Bush. Os republicanos que sempre pregaram a auto-regulação do mercado custa-lhes engolir uma intervenção salvadora(?) do Estado. Neste caso, com mais vergonha e sentido de coerência do que Bush. Mas ninguém pode ter a certeza de que a receita de Bush - socializando os prejuízos para salvar os ricos, com o dinheiro dos contribuintes - dê resultados concretos a médio prazo. Se o modelo económico não mudar - e, por enquanto, não há intenções de

mudar - a degradação financeira continuará a verificar-se. E aí é que "a porca torce o rabo", como diz o nosso Povo. Esperemos os próximos capítulos desta tragédia global e as reacções que provocará...

2. Vieira da Silva/Arpad Szenes. Passou há meses, no dia de Santo António, o centenário do nascimento de Maria Helena Vieira da Silva. Foi, incontestavelmente, a nossa maior pintora do passado século, assim reconhecida internacionalmente. E, além disso, uma Mulher admirável, sob todos os pontos de vista, com uma extraordinária força de carácter e um invulgar sentido de dignidade.

O Museu que tem o seu nome e de seu marido, Arpad Szenes, grande pintor húngaro, é uma pequena jóia única do nosso património artístico e está em grandes dificuldades. Apesar de ser muito visitado por portugueses e, sobretudo, por estrangeiros. Os responsáveis do Museu têm procurado subsistir e honrar, com muita coragem e dignidade os nomes que ostenta, sobretudo neste ano centenário.

Mas as coisas são o que são. Se não se encontrar um auxílio financeiro consistente e sério, é pouco provável que o Museu se possa manter por muito mais tempo.

Seria uma vergonha nacional inaceitável que isso acontecesse. Aqui fica o alarme! Gasta-se dinheiro em tanta coisa inútil ou, pelo menos, muito discutível, que custa imaginar que o Estado não encontre uma solução para este caso, por si ou por intermédio de privados.

Vi nascer o Museu e falei muito com Vieira da Silva, com o seu marido, Arpad Szenes e com o seu primeiro Director, o saudoso Arquitecto Sommer Ribeiro, tendo contribuído para resolver algumas dificuldades de então. Com a ajuda do prof. Azeredo Perdigão, Presidente da Gulbenkian, que auxiliou imenso e de Jorge de Brito, polémico banqueiro e o maior coleccionador português das obras de Vieira da Silva, que teve a generosidade de depositar algumas, a meu pedido, no Museu. Quadros de grande valor e importância, na obra de Vieira da Silva. Ora, esses quadros, estão em risco de serem retirados do Museu, pelos herdeiros de Jorge de Brito.

Vieira e Arpad, que conheci com alguma intimidade, eram um casal perfeito. Arpad teve sempre a generosidade - e a paixão - de durante toda a vida se apagar voluntária e injustamente, para dar a primazia à sua adorada Mulher. Pelo que deram ambos a Portugal, não merecem que o sonho do seu Museu esteja em risco de desaparecer, por razões mesquinhas de falta de dinheiro. O Estado, repito, não pode alhear-se desta questão, que tem um significado cultural e político evidente. Seria um péssimo exemplo cívico - mais um, embora de maior visibilidade - a juntar-se a tantos outros grandes criadores, vítimas do esquecimento, deixados ao abandono... É em casos como este que se pode defender, realmente, o prestígio de Portugal...

Tanto mais que o ditador Salazar ostracizou Vieira da Silva e recusou um passaporte ao seu Marido, por ser judeu. No tempo da guerra tiveram de ir para o Brasil, que os acolheu com toda a generosidade. Só se lembrou de a convidar a vir expor a Portugal, nos anos sessenta, quando ambos já eram célebres em França e tinham lá amigos dilectos como André Malraux, ministro da Cultura de De Gaulle.

Vieira e Arpad vieram logo a seguir ao 25 de Abril, festejar a liberdade conquistada. Em colaboração com a sua grande amiga Sophia de Mello Breyner - outra grande Senhora - fez aquele magnífico e inesquecível cartaz "A poesia está na rua".

Não deixar morrer agora o Museu com que sonhou e a que deu tanto carinho, construído em Lisboa numa velha casa da sua Família, torna-se um imperativo cívico que se nos impõe a todos.

3. Machado de Assis. Os nossos irmãos brasileiros, de que me sinto tão próximo, como brasileiro do coração, estão a celebrar a personalidade e a obra do escritor, que consideram o maior e mais importante da história literária do Brasil. O autor das "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de "Dom Casmurro" e "Quincas Borba" entre outros, como o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Correspondendo, para os brasileiros, ao nosso Camões, Eça ou Pessoa e que comparam a Tolstoi ou Gustave Flaubert.

Na verdade Joaquim Maria Machado de Assis, mulato, neto de escravos libertos e de ascendência portuguesa, como o nome indica, de origem humilde, nunca frequentou uma universidade e viveu, quase sempre no Rio de Janeiro, uma vida boémia - em que aprendeu imenso a observar as pessoas nas suas grandezas e misérias - mas também sem descuidar as sua ascensão social, por via da literatura. O que conseguiu, incontestavelmente, apesar dos preconceitos da época.

Contudo, na vida cultural portuguesa, a personalidade literária de Machado de Assis, é obviamente conhecida e admirada, mas não suficientemente. Apesar de um professor da Universidade Nova de Lisboa, Abel Barros Baptista, ter publicado, recentemente, dois interessantes livros sobre Machado de Assis, na editora Enicampo. Por tudo isso me atrevo a aconselhar a leitura de Machado de Assis, às jovens gerações, tão actual como a do seu homólogo português, Eça de Queiróz, um génio que escreveu na nossa língua comum e que nos ajudará a reforçar nos nossos espíritos a importância decisiva para Portugal do Brasil. Brasil e Portugal os dois maiores polos da CPLP, que não pode continuar a ser tão só um instrumento para a expansão e conhecimento da língua portuguesa no Mundo - de primeiríssima importância, aliás - mas também uma Comunidade de afecto, de solidariedade e de inter-ajuda, que envolva as sociedades civis dos Estados membros.

Lisboa, 30 de Setembro de 2008